

ENSAIO | PEER REVIEWED

# Marcos na Conversa: Entre a Musicoterapia e a Perspectiva Descolonial

Guillermo Castelo<sup>1\*</sup>

<sup>1</sup> Residencia Interdisciplinaria en Salud Mental Comunitaria, Hospital Zonal de Esquel, Chubut, Argentina

\* [castelo.guillermo@gmail.com](mailto:castelo.guillermo@gmail.com)

Recebido 18 de março de 2025; Aceito 2 de setembro de 2025; Publicado 3 de novembro de 2025

Editores: Juan Pedro Zambonini, Virginia Tosto

Revisoras: Maria Florencia Vazquez, Angélica Chantre

## Resumo

O artigo propõe um diálogo entre a Musicoterapia e a Perspectiva Descolonial a partir de três “marcos” que orientam uma reflexão crítica e situada. No primeiro, abordam-se as contribuições de Aníbal Quijano e sua noção de colonialidade do poder para repensar as categorias de saúde, sujeito e sociedade a partir da América Latina. O segundo marco desenvolve a ideia da “paisagem como textura,” inspirada na estética do americano de Rodolfo Kusch, como ferramenta analítica para a clínica musicoterapêutica, destacando a dimensão sensível e cultural do território. O terceiro marco apresenta experiências na Patagônia Argentina, onde a figura do “camponês” e a “cidade em forma de pão” revelam tensões entre o enraizamento, a identidade e os efeitos da colonialidade do poder. O texto conclui convidando o coletivo musicoterapêutico e os profissionais de saúde a construir uma prática crítica, sensível e situada nos contextos latino-americanos.

**Palavras-chave:** musicoterapia; perspectiva decolonial; estética do americano; paisagem como textura; saúde mental comunitária; Patagônia

## Comentário Editorial

Como são as paisagens que habitamos? De que maneiras elas fazem parte de nossas práticas profissionais? Como os espaços em que nascemos e crescemos nos constituem como sujeitos? O que acontece conosco, no nosso íntimo, quando somos obrigados a migrar? O ensaio de Guillermo Castelo nos deixa essas perguntas e, além disso, nos permite reconhecer o poder que a música possui para expressar as experiências vividas pelos habitantes de algumas comunidades da região noroeste da Patagônia argentina em relação aos seus conhecimentos ancestrais.

## Introdução

O convite para escrever um artigo para a revista *Voices* me colocou, pessoalmente, diante do objetivo de refletir sobre as diferentes perspectivas decoloniais que existem na América Latina. Como graduado pela Universidade Aberta Interamericana da cidade de Rosário, Santa Fé, Argentina, em 2021, venho analisando as diferentes contribuições, alcances e ligações que a perspectiva descolonial de Aníbal Quijano tem com nosso conhecimento e prática disciplinar.

Encontro neste convite da *Voices* a possibilidade de escrever um texto no formato de ensaio, que estrutura com três marcos, ou seja, sinais de orientação característicos ou habituais nas estradas argentinas, sinais que demarcam diferentes etapas. Faço isso com o objetivo de iniciar um diálogo entre a musicoterapia e a perspectiva descolonial de Quijano, com a intenção de pensar em possíveis rumos.

Nesse sentido, o primeiro marco nos detém em duas inquietações iniciais: por que é interessante que a Musicoterapia dialogue com a perspectiva decolonial? E do que falamos quando falamos de decolonialidade? Partindo dessas inquietações, desenvolvo um breve esboço sobre quem foi Aníbal Quijano, uma referência de uma perspectiva que está dentro dos quatro vocabulários de pensamento crítico que conseguiram sair dos limites do continente para pensar o mundo global a partir de diferentes conhecimentos e disciplinas. A partir do esboço sobre o corpo teórico que o sociólogo peruano deixou, o convite neste ensaio é para refletir sobre que sociedade, que sujeito e que saúde pensamos no momento de configurar nossa clínica.

O segundo marco parte de uma premissa. É aquela que, na revisão dos processos e projetos históricos dos povos do continente anteriores à colonialidade do poder, entende que as formas escolhidas por eles para narrar suas histórias são constituídas por composições estéticas, simbólicas e sensíveis localizadas em atos expressivos como danças, sons, tecelagem e cerâmica, entre tantos outros, que permitem compartilhar o devir da vida e as estadias de saúde em comunidade. Essas formas escolhidas diferem do texto escrito, que funciona como meio de sistematização e divulgação lógica e racional das informações do conhecimento adquirido nos processos coloniais. Nesse sentido, o convite é para refletir sobre como a musicoterapia pode acompanhar os processos de saúde-doença-cuidado a partir de outras narrativas que coexistem com a prática médica hegemônica na saúde. Parar neste marco possibilita a construção de uma categoria de análise a que denomino “a paisagem como textura,” que pretende ser uma contribuição para a análise clínica em Musicoterapia. Trata-se de uma ferramenta de observação e escuta situada em nossa profissão, que permite responder às necessidades sentidas pelo sujeito, aquelas que acontecem em uma paisagem atravessada por uma multiplicidade de dimensões históricas e culturais.

O terceiro marco marca uma experiência concreta do meu processo de formação em serviço na Residência Interdisciplinar de Saúde Mental Comunitária na província de Chubut, sede Esquel, Argentina. Aqui, coloco em prática o que nos marcos anteriores foi construído como vocabulário epistêmico para pensar a prática musicoterapêutica. Proponho a construção do “Camponês” como sujeito histórico da Patagônia, e faço isso a partir das contribuições que Aníbal Quijano traz em sua releitura da noção de raça. Este marco nos detém diante da narrativa dos processos migratórios forçados pelos despejos das aldeias e localidades rurais do noroeste da província de Chubut durante o período da construção do Estado argentino, analisados a partir da categoria da “paisagem como textura.” Esta categoria nasceu de um processo de pesquisa-ação participativa e projeto de intervenção no âmbito do primeiro ano da já mencionada Residência.

Por fim, o artigo apresenta uma seção de considerações finais, na qual se convida o coletivo musicoterapêutico a refletir sobre as contribuições que podem ser integradas ao campo da Musicoterapia ao trabalhar a partir da perspectiva decolonial e da estética do

americano.

### **Marco I: Contribuições para Pensar a Clínica em Musicoterapia a Partir da Perspectiva Descolonial de Aníbal Quijano**

Estamos no primeiro marco. Este sinal do percurso leva-nos a duas perguntas iniciais. Por um lado, por que é necessário que a Musicoterapia dialogue com a perspectiva decolonial? Por outro, de que falamos quando falamos de decolonialidade?

É importante começar pela segunda questão e recorrer, para respondê-la, a uma corrente de pensamento derivada da sociologia que tem dado grandes contribuições a diferentes disciplinas, como a antropologia, a semiótica, os estudos da estética e tantas outras; estamos falando da colonialidade do poder e do saber (Quijano, 2000, apud Assis Clímaco, 2014).

A colonialidade do poder e do saber tem como principal referência o sociólogo peruano Aníbal Quijano, e seus escritos são um dos quatro vocabulários que, juntamente com a pedagogia do oprimido, a teologia da libertação e a teoria da dependência, conseguiram atravessar as fronteiras do continente para repensar o mundo global e, pontualmente, a compreensão da América (Segato, 2018). Ao dizer que essa perspectiva é um vocabulário, pretendemos situá-la como uma linha epistêmica que revisou e conceituou noções como raça, colonialidade/modernidade e descolonialidade, entre tantas outras.

A proposta de trazer a Musicoterapia para conversar com Quijano surge do reconhecimento de que ele construiu um pensamento orgânico em oposição ao sistemático. Como o próprio Quijano referia, seu interesse consistia em que seu pensamento não fosse uma teoria, mas uma perspectiva, postulando assim uma forma, um olhar para a sociedade e a história, convidando-nos a rever o mundo, convidando-nos a uma “virada decolonial,” a uma mudança epistêmica na forma como vemos a realidade. Sua perspectiva teórica propõe uma reorientação do nosso olhar para os movimentos sociais e para a luta política, bem como para a construção do pensamento acadêmico crítico.

Reconhecemos grandes contribuições na obra de Aníbal Quijano, mas o importante neste marco é abordar duas delas para colocá-las em diálogo com nosso conhecimento disciplinar. Em primeiro lugar, vamos nos deter naquela que coloca no centro da colonialidade não a classe social, mas a noção de raça. Em segundo lugar, naquela que postula que a colonialidade do poder é a estrutura subjacente à civilização ocidental/moderna. Na compilação da obra de Quijano realizada por Assis Clímaco (2014), podemos encontrar seu texto “Colonialidade do poder e classificação social,” no qual o autor nos convida a revisar a ideia de raça. Essa noção determinou os rumos da história ocidental, formando uma categoria de análise que propõe “reoriginalizar” o mundo e nos convida a repensar a pluralidade dos sujeitos históricos nos quais nossa prática disciplinar se insere. Nesse sentido, raça não se torna mais uma categoria de classificação étnica e instrumento de dominação social, mas uma forma de leitura dos corpos vivos, enquanto povo e enquanto coletivo; uma possibilidade de dar nome à grande quantidade de pessoas que se reconhecem no *não-branco* e que foram suprimidas pelos padrões classificatórios da colonialidade do poder, que arrasou com as memórias e os saberes. No texto “Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina,” Quijano (1993, conforme citado em Assis Clímaco, 2014) nos diz que a colonialidade do poder é a estrutura subjacente da civilização ocidental/moderna. Essa afirmação o leva a pensar que, sem a colonialidade, não existiria o projeto histórico da modernidade e, conseqüentemente, os Estados-nação e as relações materiais que temos hoje.

Com base no que foi dito até agora, proponho revisar três noções que considero importantes ao refletir sobre nossa prática profissional no campo da Musicoterapia: Saúde, Sujeito e Sociedade. A colonialidade está subjacente porque opera de forma oculta perante

o poder, de forma secreta. Um exemplo claro disso são os amplos modelos e manuais que nos formam para pensar a saúde nos sistemas sanitários e suas políticas públicas em torno da vigilância e da educação para a prevenção e promoção da saúde, que muitas vezes resultam alheias a uma participação real das populações nos seus processos de saúde e nas quais, outras tantas vezes, deixam de fora a multiplicidade de conhecimentos populares e ancestrais que requerem outros contextos e materiais situados.

Essas ideias estão relacionadas com a primeira inquietação: por que é interessante que a musicoterapia dialogue com a perspectiva decolonial? Como profissionais da área da saúde e da saúde mental, é interessante instaurar as perguntas sobre como configuramos nossa clínica e em que sujeito pensamos. E embora essas perguntas pareçam óbvias, muitas vezes essas noções centrais são configuradas com ritmos e percepções atravessados pela colonialidade do poder, que está subjacente aos marcos teóricos dos conhecimentos eurocêntricos e às propostas de acompanhamento em saúde alheias às necessidades sentidas pela comunidade. Nossas práticas estão inseridas em um contexto, um solo, que muitas vezes nos convida a nos situarmos para sermos coerentes com a pluralidade de planos histórico-culturais que o compõem. Pontualmente, a América Latina situa nesse solo a profundidade de um saber e pensamento, distintos daqueles que nos são propostos pelas instituições de saúde e por nossas casas de estudos acadêmicos.

A partir da perspectiva decolonial, em “O ‘movimento indígena’ e as questões pendentes na América Latina” (Quijano, 2006, apud Assis Clímaco, 2014), o autor propõe investigar a noção de sujeito histórico construída pelo Estado-nação e recupera os conhecimentos e posições históricas que o sujeito camponês, indígena e afrodescendente oferece para uma compreensão da América. Essas contribuições convidam os musicoterapeutas a ampliar as dimensões que levamos em conta em torno da questão de para qual sujeito construímos um espaço de saúde. Questionar a noção de sujeito histórico construída a partir do Estado-nação, aquela que invisibiliza o camponês, o indígena e o afrodescendente, nos leva a pensar em como a sociedade se enuncia a partir desses sujeitos históricos. Aqui encontramos a pluralidade de línguas e cosmovisões originárias que conhecemos como Abya Yala, Lof ou Diásporas, para mencionar apenas alguns dos enunciados com os quais os diferentes povos e comunidades nomeiam seu território e a si mesmos. Visualizar essas pluralidades enunciativas nos permite realizar a virada decolonial, à maneira de uma revisão histórica de nosso saber e prática disciplinar, na hora de pensar as estratégias de intervenção.

Na mesma linha, Quijano investiga o sujeito e a sociedade e propõe “Viver bem?: entre o ‘desenvolvimento’ e a Des/Colonialidade do poder” (2011, apud Assis Clímaco, 2014), para investigar a noção de Saúde que, a partir do *Sumak Kawsay* (viver bem), é expressa em alguns povos indígenas como alternativa à vida social proposta pela colonialidade/modernidade. Tomar essa noção como contribuição pode ser refletido nas reformas da constituição dos Estados Plurinacionais da Bolívia e do Equador. Integrar à noção de saúde as contribuições da perspectiva decolonial nos solicita novamente fazer uma mudança perceptiva sobre nossas intervenções, questionando objetivos e estratégias construídos, e ouvir os próprios projetos e processos históricos dos sujeitos, antes de fazer uso do sistema de saúde.

Parar neste primeiro marco é um convite para nos aproximarmos, como coletivo musicoterapêutico, da perspectiva descolonial de Aníbal Quijano e encontrarmos em seu pensamento as contribuições que nos permitam repensar a configuração de nossa clínica e saber disciplinar.

## **Marco II: Contribuições da Estética do Americano. A Paisagem como Textura de uma Análise Clínica em Musicoterapia**

Chegamos ao segundo marco deste percurso, onde vamos parar para refletir sobre as diferentes formas como os povos da América conduzem seus processos e projetos históricos. A proposta aqui é observar essas formas a partir de uma estética do americano, pensando essa categoria como uma contribuição para nossa caixa de ferramentas musicoterapêuticas no acompanhamento dos processos de saúde das comunidades.

De acordo com Altamiranda (2015), é importante entender que há muitas formas de construir um pensamento em Musicoterapia. Na história da profissão na Argentina, cada instituição de ensino privilegiou uma linha de pensamento diferente a partir da qual abordar a prática disciplinar. No meu caso, escolho construir um posicionamento pessoal situando as necessidades sentidas dos espaços por onde transito como profissional, e faço isso a partir da teoria da complexidade (Morin, 1990). A partir daí, concebo a Musicoterapia tal como proposta pela colega Maeyaert (2017), “como uma construção do pensamento que sustenta uma abordagem em saúde e uma metodologia pensada a partir da arte” (p. 96), tomando a arte como território de livre expressão, a ser construído e significado; arte que habilita a investigação e a produção do mundo sensível daqueles com quem trabalhamos. É a partir desse posicionamento que me coloco para observar as configurações dessas formas singulares que mostram como cada pessoa habita o mundo. Considerar as singularidades que situam o sujeito em sua qualidade de estar e de ser, com a possibilidade de que essas formas se modifiquem ou continuem no que acontece, nos leva a contemplar as ações que o situam como um sujeito de direito em relação ao cuidado de sua saúde.

Parto também da premissa de visualizar as diferentes formas que os povos do continente escolheram para narrar e permanecer diante da colonialidade do poder e do saber. Existem múltiplos arquivos e trabalhos que, a partir do texto escrito, audiovisual ou da gravação, nos permitem realizar esse percurso histórico. Alguns exemplos podem ser encontrados em canções populares do continente compiladas e interpretadas por cantoras e cantores como Violeta Parra, Atahualpa Yupanqui ou Leda Valladares; documentação de expressões sonoras e estudos de organologia de materiais e símbolos sistematizados por etnomusicólogos como Isabel Aretz (1977) no INIDEF - Centro de Investigaciones Socioculturales de Venezuela - e o Catálogo ilustrado de instrumentos musicais argentinos de Pérez Bugallo (2008), entre outros. As escolhas expressivas que os povos têm nos convidam a pensar em outras formas de completar e compreender a história do nosso continente. As formas a que nos referimos podem ser encontradas na materialização e construção de imagens, portadoras de múltiplas estéticas, com o objetivo de narrar e interpretar a organização social e comunitária. Um dos trabalhos que nos aproximam para visualizar essas materializações é o de Guaman Poma de Ayala, analisado por Silvia Rivera Cusicanqui a partir da Sociologia da Imagem (2015). Outras produções podem ser reconhecidas na construção de tecidos e na cerâmica, ou no movimento das danças; e todas elas carregam uma estética que é potência e ferramenta simbólica singular do continente. Observamos essas escolhas nos perguntando por que o ato expressivo perdura e continua sendo escolhido na hora de contar a história.

Para responder a essa pergunta, é importante parar para pensar: do que estamos falando quando falamos de estética? E, conseqüentemente, existe uma estética do americano? Analisar as formas como a história do continente é narrada a partir dos povos nos convida a ir além da pergunta, investigando seu caráter singular e a pensar em uma estética do americano, situando-nos como musicoterapeutas para acompanhar essas outras narrativas que acontecem nos territórios onde exercemos nossas práticas. Para falar sobre a noção de estética na musicoterapia, utilizo as palavras de Rodríguez Espada (2020), que postula que “a estética deriva de um adjetivo grego, *aisthetos*, que significa perceber a partir dos

sentidos” (p. 234). Compreender essa noção a partir dessa aproximação etimológica nos sugere realizar um movimento epistemológico, aquele que se afasta de um olhar de apreciação valorativa no campo da arte construído na modernidade/colonialidade, que supõe alguma verdade às expressões ocorridas no fenômeno clínico em Musicoterapia. O deslocamento proposto pelo autor enuncia que “Uma estética É. Não há origem, não há razão, não é verdadeira, não é falsa, não é bela, não é feia, não tem ontem nem amanhã, alimenta-se a si mesma e gera a si mesma. (...) Uma estética é um caminho para o sentido” (Rodríguez Espada, 2020, p. 241). Esse deslocamento nos desafia a observar e ouvir o ato expressivo que ocorre em nossa prática disciplinar, conferindo-lhe uma leitura paradoxal do que é produzido; aquela que nos permite, enquanto profissionais da saúde, questionar se essa estética traz um sentido de alívio ou de sofrimento aos indivíduos ou às comunidades que atendemos.

Investigar, a partir de uma perspectiva estética, os caminhos para a construção de significados escolhidos pelos povos do continente, que se materializam em atos expressivos, nos leva a questionar se eles carregam algo singular, próprio de seu caráter situado. Em busca de respostas, recorreremos às contribuições do filósofo argentino Rodolfo Kusch. Em sua obra “Planteo de un arte americano” (2007), esse pensador investiga a funcionalidade da arte no continente, chegando à conclusão de que ela é utilizada como uma confissão: “esse primeiro choro que irrompe quando se restabelece a antiga unidade biológica de um homem mutilado pelo excesso de consciência. É o choro que tenta encobrir a técnica, a inteligência e o boato cidadão” (p. 777). Reivindicar esse caráter de confissão nos leva a pensar na arte como um território clínico para abordagens em saúde. Ao ouvir a confissão, nos interessaremos pela investigação sobre o início das expressões e escolhas que as pessoas fazem para poder materializar suas ações, perguntando-lhes sobre os sentidos que percebem nessa construção expressiva, como passo prévio à análise do produto final: “Podem confessar os deserdados que nada têm, a massa amorfa, que vegeta, porque só eles ‘estão’ na América e nesse ‘estar’ conhecem o caminho da saúde, ou seja, de uma arte como confissão” (p. 778).

Seguindo essa construção de sentido sobre postular a arte americana, surge a pergunta: qual é, nessa confissão, o caráter estético pensado a partir da América? Kusch (2007) nos adverte: “o americano exclui a forma e o prazer e pressupõe o amorfo e o tenebroso” (p. 782). Aqui, o filósofo argentino afirma que a observação dos atos expressivos tem uma estética de caráter “amorfo” e “tenebroso,” sendo essas duas características do primeiro nível da estética americana que devemos levar em conta para nossa análise como musicoterapeutas: a estética do monstruoso. Nesse nível, é apresentado o vital em frente ao que depois se configura como corpo social em suas relações de interação com a alteridade, seja em sua organização comunitária ou na compreensão simbólica da vida em sociedade. A estética é caracterizada por ser “amorfizada”; a percepção dos sentidos busca se articular para, então, construir alguma normativa semântica como confissão: O que há de tenebroso na estética ao analisar essa confissão a partir da América? Para Kusch (2007), “a arte indígena surge do espanto humano diante do espaço desumano, como cristalização sangrenta e tremenda desse constante estar à beira da morte e da aniquilação” (p. 793). Na América, essa tensão entre o vital e o social é uma construção de sentido na medida em que é percepção e sobrevivência diante do desumano.

O segundo nível da estética do americano é o “do espanto.” Se analisarmos a partir da estética do tenebroso que a confissão do indígena na América produz um ato expressivo amorfo, sem uma forma e um espaço pré-estabelecidos, é pelo espanto humano diante de uma alteridade de caráter desumano. O desumano aqui é pensado como tudo aquilo que excede os limites do controle e do poder, e que desloca a ideia de um mundo antropocêntrico para propor uma ideia e mais complexa, na qual “o humano” é apenas uma mera parte da totalidade. Este segundo nível da estética nos aproxima de um ponto crucial, da imensidão e incerteza de não poder ter uma forma pré-estabelecida ou, pelo



menos, da tensão das formas existentes diante do incerto e do aleatório.

Até aqui, temos uma estética do tenebroso, amorfa, proveniente do espanto que o humano tem diante do inumano. Aproximar-nos-emos agora do terceiro nível da estética do americano: o “do espaço-coisa.” Se pensarmos que a estética é perceber a partir dos sentidos, poderemos investigar como são essas percepções que o sujeito tem sobre o espaço e o contexto em que está imerso. Kusch (2007) concebe o inumano como o espaço-coisa, convidando-nos a pensar sobre as características estéticas que contém tudo o que se apresenta como fora do humano ao analisar uma confissão como ato expressivo. Pensando de maneira situada a partir da América, poderíamos dizer que o espaço-coisa se assemelha à noção de Paisagem, se entendermos esta última como o solo onde nossa vida se enraíza ou se desenraíza. Essa noção pode servir como ponto de partida para falar de tudo o que é inumano, como montanhas, rios, fauna, etc. O espaço-coisa e a paisagem fundamentam a tensão entre o vital e o social, entre o inumano e o humano, e ampliam a percepção que, como espécie humana, temos dos elementos e materiais que nos cercam e da multiplicidade de sentidos em que estamos imersos.

A paisagem é subjetivante; é no enraizamento ao seu solo que se produz uma subjetividade cultural, portadora de traços identitários e estéticos. Sua imensidão causa medo, é incontornável e nos submerge em algo inconfessável. É diante desse medo que se produz o ato expressivo na América, formalizado em uma linguagem que o representa simbolicamente, respondendo às sensações por ele produzidas. Habitá-la determina os modos de estar existentes de nosso sujeito clínico, um sujeito que surge do espanto diante dessa paisagem que o subjetiva culturalmente. Parafraseando Cullen (2017), a principal referência de uma cultura é o solo e, conseqüentemente, o enraizamento nele e a forma de habitá-lo. O autor propõe que a existência dos povos não é mais produzida “para,” mas “a partir de.” Esse “a partir de” é apresentado como topos/lugar e é também o ponto de partida para admitir, por meio da análise cultural, que o solo/paisagem—o espaço-coisa—é o que estetiza as produções do sujeito em nossa clínica.

Parar para pensar a noção de estética a partir da América tem a intenção de gerar uma contribuição para a construção da “paisagem como textura,” com o objetivo de analisar os atos expressivos na clínica musicoterapêutica. Ao mesmo tempo, a noção oferece uma posição estratégica a partir da qual se pode observar e ouvir o processo de construção desses atos. O poder dessa construção reside nos impactos e efeitos que surgem ao colocar em diálogo as escolhas e materializações produzidas pelas pessoas com as características estéticas que cada espaço-coisa/paisagem possui.

### **Marco III: Experiências Lidas a Partir da Perspectiva Decolonial**

Chegamos ao terceiro marco desta jornada com a intenção de apresentar duas narrativas de experiências construídas a partir da perspectiva decolonial compartilhada nos marcos anteriores.

Em 2023, realizei meu primeiro ano de pós-graduação em formação em serviço no Hospital Regional de Esquel, na Residência Interdisciplinar em Saúde Mental Comunitária (doravante, RISMIC) da província de Chubut, Argentina. O objetivo desse primeiro ano foi levantar, de form, as necessidades sentidas na área de responsabilidade de um Centro de Atenção Primária à Saúde, no bairro Ceferino Namuncurá, na cidade de Esquel. Trabalhei de forma interdisciplinar junto com minha colega de residência, a licenciada em Serviço Social Abril Neculman. A pesquisa foi realizada utilizando a metodologia de pesquisa-ação participativa (Fals Borda, 2008) e a teoria fundamentada (Soneira, 2013). Por meio de diferentes ferramentas de coleta de dados, construímos e validamos, juntamente com uma população de adultos e idosos, diferentes categorias que traduziam suas necessidades sentidas.

Segundo Montero (1991), “as necessidades sentidas surgem das próprias pessoas que as manifestam explícita ou implicitamente, (...) a questão não passa pelas verdades das necessidades assim definidas, mas pela sua condição de existência para aqueles que, em última análise, serão objeto da intervenção” (p. 104). Esse posicionamento nos levou a construir um projeto de intervenção que respondesse à necessidade de encontro que esse grupo populacional tinha, configurando um dispositivo de acompanhamento dos processos de saúde-doença-cuidado realizado de forma interdisciplinar. Essa experiência nos permitiu formular duas categorias conceituais que gostaria de compartilhar neste marco, fundamentadas na perspectiva decolonial de Aníbal Quijano e na “paisagem como textura.” A primeira está ligada à categoria de raça apresentada no marco I: realizamos uma mudança perceptiva que foi desde sua utilização para a classificação social e a configuração dos padrões de poder na etapa colonial até seu emprego como uma forma de leitura dos corpos vivos. Pudemos construir a categoria de Camponês, através da qual nos foi possível enunciar o sujeito histórico da Patagônia. Em nossa prática, por meio do relato desse grupo de adultos e idosos que enunciavam conhecimentos camponeses, pudemos conhecer e ouvir uma multiplicidade de formas que nos aproximavam dos ritmos, linguagens e traços estéticos de como eles concebiam o mundo. Como já foi dito acima, a figura do camponês está em tensão com a construção que o Estado-nação argentino teve como horizonte, uma vez que esta se caracterizou pela homogeneização do sujeito nacional na figura do crioulo como representante dos habitantes da nação. Parafraseando Segato (2019), o crioulo da república e fundador do Estado se posiciona como uma “elite” para administrar os fios da nação. O crioulo é caracterizado por ser “racista” porque quer ser branco e “misógino” por querer ser homem; ao mesmo tempo, não é um sujeito histórico vencedor, mas um homem de territórios vencidos. Por fim, ele se caracteriza por ser especista, ou seja, se relaciona com qualquer outra espécie que não seja a humana de maneira vertical, assassina e cruel.

Ao considerar a raça como categoria de análise, minha colega e eu pudemos questionar o sujeito histórico ao qual destinamos nosso diagnóstico no processo de pesquisa-ação participativa e no projeto de intervenção. Ouvir a partir dessa perspectiva nos convidou a deslocar as lógicas institucionais acadêmicas esperadas pelo sistema de saúde, dando espaço ao que os vizinhos do bairro chamavam de conhecimentos camponeses e “o mapuche.” Os conhecimentos camponeses foram usados por eles para falar sobre a cosmovisão mapuche e também sobre seus próprios processos de saúde.

O camponês, como traço histórico e característico de uma paisagem patagônica, torna-se horizonte de uma cosmovisão tingida com os tons da não-branquitude e seus significados, introduzindo-nos nos fluxos da história própria e situada dessa população, que conseguiu perdurar diante da colonialidade do poder. Isso nos compele a trabalhar sobre essas características identitárias das comunidades para acompanhar os próprios projetos históricos dos povos, disputando a época atual a partir de e contra as instituições que são alheias às necessidades sentidas da população e criando, mesmo que seja em seus interstícios, uma ética que priorize os conhecimentos situados na prática profissional.

A segunda categoria conceitual caracteriza-se pelo reconhecimento das contribuições que a “paisagem como textura” traz para o grupo de musicoterapia. Em nosso processo de pesquisa, encontramos uma ideia, que validamos com o grupo de idosos e com os representantes institucionais do centro de saúde e da comunidade, que reflete as condições habitacionais existentes na área. Essa ideia foi chamada de “A cidade em forma de pão”<sup>1</sup> e está ligada aos processos migratórios forçados que obrigaram muitos moradores de

---

<sup>1</sup> Agradeço a escuta sensível e atenta do pesquisador José Luis Grosso, que, na apresentação desta categoria nas XII Jornadas de Rodolfo Kusch na UNLA, nos sugere enfatizar a “forma,” pois é nela, e não no pão, que se concentra o projeto histórico da colonialidade-modernidade proposto nos processos migratórios.



comunas, aldeias e localidades rurais do noroeste da província de Chubut a migrar para a cidade de Esquel em busca de comida e trabalho. O bairro onde fica o centro de saúde é um dos principais locais de assentamento desses migrantes. A cidade em forma de pão é uma frase que alude ao desenraizamento, e a tiramos de uma canção de Tito Ledesma compartilhada por um músico popular da cidade de Esquel, Ariel Manquipan. A canção citada diz: “se eu perder a ilusão, não voltarei para Mapu, morrerei entre tanta solidão. A cidade com suas luzes e fábricas é uma prisão em forma de pão.” A canção mostra o ato expressivo escolhido por essa comunidade para narrar e compreender um momento histórico em que os processos migratórios forçados por despejos e as propostas de sobrevivência a despojam de seus conhecimentos e práticas camponesas e ancestrais.

Essa escolha como ato expressivo, interpretada a partir da “paisagem como textura,” nos obriga a questionar o poder do enraizamento para construir um processo de identidade e pertencimento no contexto em que se vive. Por outro lado, podemos analisar, a partir da estética do monstruoso, que aquele primeiro momento do processo migratório forçado pode ser caracterizado como incerto e amorfo, colocando em tensão a própria percepção vital como camponês ou mapuche diante de uma nova paisagem, “em forma de pão,” alheia à sua identidade construída no campo. A partir da estética do espanto, na afirmação “a cidade com suas luzes e suas fábricas é uma prisão em forma de pão,” é possível visualizar o sentido profundo de perder a ilusão de voltar ao Mapu e morrer longe de seu território. Esse nível da estética permite reconhecer o sujeito histórico, enunciando uma sensação de espanto que surge diante do projeto civilizatório, ao qual sua percepção a partir dos sentidos pede resposta. Por fim, a estética do espaço-coisa configura uma zona para situar essas sensações a partir do ato expressivo que se tornou canção. As escolhas estéticas utilizam dois cenários da ordem da paisagem em que o sujeito se situa: “a cidade em forma de pão” e “a Mapu.” No primeiro, oferece-se ao sujeito a possibilidade da continuidade vital na forma de sobrevivência, alheia à construção identitária que o constitui, arrasando com seus conhecimentos vitais que estão em constante tensão com o social do processo civilizatório. No segundo, o Mapu, ocorre a característica identitária e o desejo de não perder essa relação perceptiva, estética, a partir de um, onde se pode enunciar. Poder observar como esse sujeito se posiciona diante de duas paisagens antagônicas nos proporcionou, como profissionais de saúde, a compreensão dos tempos e ritmos desse grupo de idosos que se encontram diante da cidade em forma de pão.

Partindo desse ponto, começamos a realizar intervenções que promoviam atos expressivos, investigando os conhecimentos prévios à sua migração para a cidade. Dessa investigação surgiu a possibilidade de construir um vínculo com essa população de idosos, caracterizado pela revalorização dos conhecimentos campestres, e no qual a música e a dança foram escolhidas por eles como formas de nos contar sua história. Para responder à necessidade de encontro, pensou-se na construção de um dispositivo de acompanhamento dos processos de saúde a partir da perspectiva da saúde mental comunitária e interdisciplinar. Tendo em conta estes antecedentes, considerou-se o uso de danças, como o chamamé, a zamba, a chacarera e outras danças e músicas características da Patagônia, como a música campestre, comerciais, kaanis e loncomeo.

## Considerações Finais

Concluo este ensaio com um convite ao coletivo musicoterapêutico para uma dupla interrogação. A primeira consiste em trabalhar em torno de perspectivas e não em torno de modelos. Um modelo é uma estrutura fechada e disciplinar, muitas vezes construída nas instituições de ensino ou no planejamento e gestão de políticas públicas de sistemas de saúde que se afastam das necessidades sentidas pela população. Uma perspectiva é um ponto de partida a partir do qual se observa e se escuta, um caminho de construção

orgânica que convida e faz parte de todas as pluralidades que habitam os desafios que estão sendo pensados. Pode haver repetições no processo histórico desses caminhos, mas elas não são um retorno nostálgico, e sim diferenças que podem ser encontradas ao responder a perguntas de uma época passada que ainda estão sem resposta. Nesse sentido, deter-nos em três marcos para conversar com a perspectiva decolonial de Aníbal Quijano e as contribuições de Rodolfo Kusch tem como desejo que o caminho continue em reflexões e pensamentos sobre as práticas profissionais que realizamos. Seja em um consultório individual, como em centros de saúde, em casas de estudo, como nos desafios da época atual, que propõe uma ética de trabalho individual e de coisificação da vida.

A segunda interrogação consiste em retomar as contribuições da estética americana, na medida em que nos convidam a reoriginalizar o mundo a partir do sensível diante da paisagem em que estamos imersos. Em seu texto “Estética da utopia,” Quijano se pergunta: “eles não passaram sua história fingindo ser o que nunca foram? E não é isso, exatamente, o que teceu o obscuro labirinto que forma nossa questão de identidade?” (Quijano, 1990, apud Assis Clímaco, 2014, p.741).

Este ensaio nasce da tensão de observar uma pluralidade de práticas e linguagens que operam de maneira estranha e simultânea às políticas públicas e formações acadêmicas de saúde e saúde mental. Sem pretender chegar a nenhuma conclusão, a utopia desta época será um consolo para nós neste mundo incerto e aleatório que não tem forma, mas é amorfo, como a América. A proposta é que nos deixemos atravessar pela paisagem em que estamos imersos, construindo um ato expressivo como confissão para compreender os desafios de nossa época e de nossa prática profissional. É na trilha e não no destino que o campo da estética nos oferece a condição de possibilidade para imaginar o mundo novamente, conferindo-lhe outro sentido histórico que não podemos prever no presente.

Na América Latina, a luta contra a dominação de classe, contra a discriminação de cor, contra a dominação cultural, passa também pelo caminho de devolver a honra a tudo o que essa cultura da dominação desonra; de outra liberdade ao que nos obrigam a esconder nos labirintos da subjetividade; de deixar de ser o que nunca fomos, o que não seremos e o que não temos que ser. Em suma, assumir o processo de reoriginalização da cultura e trabalhar com ela os materiais que devolvem à festa seu espaço privilegiado na existência. (Quijano, 1990, apud Assis Clímaco, 2014)

## Sobre o Autor

**Guillermo Castelo:** Sou natural de Santa Fé (Argentina). Licenciado em Musicoterapia, atualmente estou cursando o terceiro ano da Residência Interdisciplinar em Saúde Mental Comunitária (RISMC) da província de Chubut. Diplomado em Saúde Mental Comunitária, realizei seminários de pós-graduação a partir da perspectiva decolonial na Universidade Nacional de Tres de Febrero e na Universidade Nacional de Tierra del Fuego. Diploma superior em Saúde Mental Comunitária pela Universidade Nacional de Lanús. Sou dançarino, músico e pesquisador da expressão sonora-corporal a partir de uma abordagem situada em relação às formas que se apresentam para a organização da vida em comum dos povos.

## Referências

- Altamiranda, P. (2015). *Genealogía de la Musicoterapia en Argentina: El devenir de un saber* [Genealogia da Musicoterapia na Argentina: O devir de um saber]. Tesis de grado, Universidad Abierta Interamericana.  
<https://es.scribd.com/document/402233315/TESIS-Genealogia-de-la-Musicoterapia-en-Argentina-El-devenir-de-un-Saber-2-1-pdf>
- Aretz, I. (1977). *América Latina en su música* [América Latina em sua música]. Siglo XXI Editores.
- Assis Clímaco, D. (2014). *Cuestiones y horizontes: De la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder* [Questões e horizontes: Da dependência histórico-estrutural à colonialidade/descolonialidade do poder]. CLACSO.
- Bagnato, M, J., Giménez, L., Marotta, C., Netto, C., y Rodríguez, A. (2001). De ofertas y demandas: Una propuesta de intervención en psicología comunitaria [De ofertas e demandas: Uma proposta de intervenção em psicologia comunitária]. *Revista de psicología*. Universidad de Chile.
- Cullen, C. (2017). *Reflexiones desde nuestra América* [Reflexões desde nossa América]. Editorial Las Cuarenta.
- Fals Borda, O. (2008). Orígenes universales y retos actuales de la IAP (investigación acción participativa) [Origens universais e desafios atuais da IAP (investigação-ação participativa)]. *Revista peripecias*, 110.
- Kusch, R. (2007). *Obras completas tomo IV: Planteo de un arte americano* [Obras completas, tomo IV: Proposta de uma arte americana]. Editorial Ross.
- Kusch, R. (2007). *Obras completas tomo IV: Anotaciones para una estética de lo americano* [Obras completas, tomo IV: Anotações para uma estética do americano]. Editorial Ross.
- Maeyaert, A. (2017). *Del derecho a ser oído. Una propuesta para adolescentes en situación de calle* [O direito de ser ouvido. Uma proposta para adolescentes em situação de rua]. Editorial Último recurso.
- Morin, E. (1990). *Introducción a la teoría de la complejidad* [Introdução à teoria da complexidade]. Editorial Gedisa.
- Pérez Bugallo, R. (2008). *Catálogo ilustrado de instrumentos musicales argentinos* [Catálogo ilustrado de instrumentos musicais argentinos]. Ediciones del Sol.
- Rivera Cusicanqui, S. (2015). *Sociología de la imagen* [Sociologia da imagem]. Editorial Tinta Limón.
- Rodríguez Espada, G. (2020). *Pensamiento estético en Musicoterapia II. Territorialización: Formación, improvisación, técnica y escucha* [Pensamento estético em Musicoterapia II. Territorialização: Formação, improvisação, técnica e escuta]. Editorial Autores de Argentina.
- Segato, R. (2018). *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda* [A crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda]. Editorial Prometeo Libros.
- Soneira, A. (2013). La teoría fundamentada en los datos (Grounded Theory) de Glasser y Strauss [A teoria fundamentada nos dados (Grounded Theory) de Glasser e Strauss]. Em I. Vasilachis (Coord.). *Estrategias de Investigación cualitativa*. (153–173). Gedisa.
- UNTREF, Programa Pensamiento Americano. (2019). *Entrevista Pública/ Public Interview Rita Segato - VII Jornadas Pensamiento de Rodolfo Kusch* [Entrevista Pública/ Public Interview Rita Segato – VII Jornadas Pensamento de Rodolfo Kusch].  
<https://www.youtube.com/watch?v=3ReaY4irpB4n>